

Sobrevidas



ÍKAROS

Copyright © 2021, Iara Feldman.

Copyright © 2021, Editora Milfontes.

Rua Carijós, 720, Lj. 01, Ed. Delta Center, Jardim da Penha, Vitória, ES, 29.060-700.

Compra direta, distribuição nacional e fale conosco em:

<https://editoramilfontes.com.br>

editor@editoramilfontes.com.br

Brasil

IARA FELDMAN

Sobrevidas



ÍKAROS
Vitória, 2021

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

Revisão

De responsabilidade exclusiva dos organizadores

Capa

Imagem da capa: Aquarela em Saunders Waterford 41X31

Autor: Iara Feldman

Bruno César nascimento - *Aspectos*

Projeto Gráfico e Editoração

Bruno César Nascimento

Impressão e Acabamento

Maxi Gráfica e Editora

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

F312s FELDMAN, Iara.

Sobrevidas/ Iara Feldman.

Vitória: Editora Milfontes, 2021.

100 p.: 20 cm.

ISBN: 978-65-86207-70-5

1. Biografias 2. História 3. Relatos I. Feldman, Iara II. Título.

CDD B869.93

Minha profunda gratidão...

Ao meu companheiro de vida por estar sempre ao meu lado, incentivando-me a voar cada vez mais alto, garantindo sempre o ninho no retorno ou queda.

Ao meu cunhado Cláudio Feldman, escritor e poeta, que foi o primeiro a ler o meu texto, oferecer-me seu valioso elogio e sugerir o título da obra: Sobrevidas.

À querida amiga Stefanie Söhngen por sua sempre afetuosa prontidão em me estender a mão, ler tão prontamente e avaliar positivamente o meu texto.

À amiga-irmã Tania Coifman Bergman pela escuta sempre atenta e sua constante valorização de minhas qualidades.

À minha prima Rachel Holzacker por sua competência ao ler e comentar o meu texto sempre com sugestões inestimáveis.

Aos meus filhos André, Ariel e Marina e aos meus netos Nicolas, Iuri e Mel. que me sustentam afetivamente para que eu possa criar.

Aos meus falecidos pais Max e Tema e a todos aqueles que nos antecederam pelo seu profundo legado cultural e ético.

Ao Naftali Stern pela sua incrível história de superação e resiliência, por sua generosidade e empatia, que foram fonte de inspiração para minha primeira aventura literária.



Sumário

Algumas palavras	9
Eu	11
Naftali	23
Rachel	39
Naftali	53
Rachel	63
Naftali	81
Eu	95



Algumas palavras...

Nos tempos sombrios em que vivemos, não pude deixar de relacionar a realidade global de pandemia por coronavírus com o Holocausto/ *Shoá*/ II Guerra Mundial.

Em um primeiro momento de isolamento, refleti sobre nosso privilégio de ter uma casa para morar, um companheiro com quem dividir a solidão, trabalho e dinheiro para viver. Em 1933, com a ascensão do nazismo na Alemanha, a maioria de nossos irmãos judeus, bem como comunistas, homossexuais, ciganos e portadores de deficiência tinham igualmente esses privilégios que foram aos poucos lhes sendo usurpados. Na iminência do começo da II Grande Guerra, esses seres humanos já haviam perdido quase tudo e viviam aterrorizados com o momento em que seriam deportados.

Lembrando aquela realidade, comentei com meu marido que não podíamos reclamar da nossa sina, pensando em nossos antepassados recentes que viveram aquela história trágica.

Lembrei-me, então, de Naftali Stern, primo de meu falecido pai que, naquele momento, não sabia se estaria ainda vivo, pois havia perdido o contato com ele. Recordei-me de sua história de vida e resolvi que faria minha primeira tentativa literária, já que sou uma “devoradora de livros”.

Procurei encontrar Naftali através de seus filhos e, após um mês de espera, sua filha Varda me mandou uma mensagem com o WhatsApp de Naftali. Liguei, imediatamente, para ele e o encontrei lúcido e saudável, como sempre aos 94 anos, lembrando o nome de meus filhos. Contou-me, na ocasião, que dava aulas de reforço escolar para crianças e jovens com dificuldades de aprendizagem. Relatou também as suas viagens às Filipinas, antes da pandemia pelo Covid-19.

Iniciei a escrita com a intenção de escrever um livro biográfico, mas, no fluxo da escrita, me vi criando uma ficção relacionada com minhas próprias crenças e ideias, que não eram necessariamente parte da história de Naftali e Rachel. Decidi, então, mudar os nomes dos protagonistas, já que minha narrativa não correspondia à sua história de vida.

Chegando ao final da narrativa, dei-me conta de que não conseguia enxergar meus personagens com outro nome que não os reais, e voltei a apresentá-los com os nomes verdadeiros.

Peço perdão à família Stern, se não fui fiel à sua história; mas minha inspiração, com certeza, está em sua significativa história de resiliência e exemplo de atitudes empáticas.

Eu



Enquanto lia recostada em minha cama do quarto de adolescente, que dividia com meu irmão Julio, ouvi minha mãe chamando:

-Menina, vá se arrumar, senão nos atrasaremos!

Vesti meu vestido “de velha”, como o apelidei, pois estávamos a caminho da casa de um primo do meu pai e sua família, que viviam em Israel, e estavam temporariamente em missão educativa em São Paulo. Era uma família de judeus ortodoxos e eu deveria me vestir adequadamente,

pois as mulheres ortodoxas não vestem calças compridas, tampouco minissaia ou roupa decotada. Um pouco a contragosto, vesti o vestido azul-marinho, que ia até abaixo dos joelhos e tinha mangas compridas e gola de camisa sem decote.

No Fusquinha de meu pai, ia meu pai na direção, minha mãe ao lado e, no banco de trás, eu e meu irmão. Devia estar por volta dos 11 anos e era magricela e baixinha, ainda não tinha peitinhos nem quadris arredondados como a maioria de minhas amigas de turma. Sentia-me apequenada, insegura e insatisfeita com minha imagem no espelho. Era tímida e por vezes sonhava em já ter corpo de mocinha e poder me aproximar dos meninos com maior desenvoltura.

Fomos ao endereço no Bom Retiro, bairro originalmente ocupado por judeus imigrantes, e fomos recebidos de uma forma tão calorosa pelo Naftali, sua esposa Rachel e seus filhos que em poucos minutos me senti à vontade para interagir com as crianças, que tinham idades parecidas com a minha e do meu irmão.

Quando foi servida a refeição, fiquei impressionada com a quantidade e diversidade de pratos distintos do que costumávamos comer no Brasil. Havia muitas verduras separadas em tigelas e formando um mosaico repleto de cores, bolinhos de grão-de-bico, pasta de grão-de-bico e gergelim (Humus) e pão sírio. Como qualquer pré-adolescente, eu não gostava de experimentar novidades, mas como estava faminta, e minha mãe insistia para que experimentasse, fui aos poucos testando os paladares tão distintos da nossa alimentação diária. Encantei-me com

os sabores mediterrâneos e até hoje sou apaixonada pela culinária mediterrânea.

Ouvia meus pais conversando com Naftali e Rachel em hebraico e alemão, já que eles falavam mal o português. Na viagem de volta à nossa casa, no bairro de Pinheiros, meu pai contou que havia combinado uma viagem junto com a família Stern para Minas Gerais, nas próximas férias escolares. Fiquei bastante animada com a perspectiva de conviver diariamente com essa família de cultura tão distinta da nossa, apesar de sermos todos judeus. Minha família era de judeus emancipados e laicos. Meu pai, de origem alemã, era arquiteto e tinha uma cultura universalista; minha mãe, professora de Inglês, nasceu na Polônia e chegou ao Brasil ainda bebê. Eu estudava na escola judaica do bairro, mas meu irmão já estava no ginásio Machado de Assis. A família Stern era de judeus ortodoxos, que viviam num bairro quase que totalmente judaico, estudavam em uma escola judaica ortodoxa e conviviam integralmente com judeus ortodoxos. Respeitavam rigidamente o *Shabat*,¹ o sábado sagrado, quando não andavam de carro, nem usavam elevador, não ligavam eletrodomésticos e passavam a véspera e o sábado, em orações, na sinagoga.

Para a viagem a Minas Gerais, a família Stern trouxe sua comida preparada em casa. Eram caixas térmicas que continham a alimentação da família para uma semana. Era comida *Kasher*, alimentação preparada de acordo com os

¹ Shabat: (hebraico) É o dia de descanso semanal no judaísmo, simbolizando o sétimo dia no Gênesis, após os seis dias da Criação. É observado a partir do pôr do sol da sexta-feira até o pôr do sol do sábado. O exato momento do início e do final do shabat varia de semana para semana e de lugar para lugar, de acordo com o horário do pôr do sol.

preceitos do judaísmo, porque não poderiam comer quase nada do que era oferecido nos hotéis e restaurantes. Não comiam nada que fosse elaborado a partir do porco, de frutos do mar, com exceção de peixes com escamas. Não misturavam, na mesma refeição, carne e leite. Só comiam animais abatidos segundo a prescrição judaica.

Começamos nossa viagem em Ouro Preto, onde visitamos diversas e lindas igrejas, com entalhes dourados de Aleijadinho, vitrais maravilhosos. Conhecemos pérolas da arte barroca brasileira. Em uma das igrejas, eu olhava encantada para a altura da nave, seus altares lindamente decorados, profusão de cores, imagens entalhadas de Jesus Cristo e diversos santos. Perguntei ao meu pai porque as nossas sinagogas eram tão simples e humildes, se comparadas às igrejas cristãs. Naftali questionou meu pai sobre a minha pergunta, e meu pai traduziu para o alemão. Naftali me olhou nos olhos de forma muito afetiva e se esforçou para responder a minha pergunta em seu claudicante português:

-Iarinha, as igrejas católicas são construídas de forma portentosa para deixar claro aos fiéis que Deus é inatingível. O homem deve temer e reverenciar Deus. O Deus para os judeus é um Deus paternalista, que discute e negocia com seu povo, é um Deus mais próximo do ser humano. Devemos reverenciar nosso Deus, mas não nos sentirmos apequenados em sua presença.

Essa explicação de Naftali me impactou profundamente e hoje, quando visito um grande igreja, templo ou catedral, lembro-me de suas palavras.

Não foi o que vi muitos anos mais tarde, quando eu e meu marido estivemos de visita em Nova York e fomos assistir um culto no templo reformista Emanuel, localizado em frente ao Central Park. Não consegui me concentrar no aspecto espiritual do local, pois me pareceu mais um templo cristão do que uma sinagoga judaica, com sua nave monumental, um órgão gigantesco tocando no mezanino e vitrais modernos de cores vibrantes.

Convivemos com a família Stern durante o período em que estiveram em missão no Brasil, e acredito que esta convivência tenha ampliado meus horizontes para maior aceitação da diversidade e uma curiosidade imensa por conhecer novas culturas.

Quando completei 18 anos, estava engajada em um movimento juvenil judaico e sionista e fui, com meu grupo de amigos brasileiros, fazer um programa educativo para formação de lideranças de um ano, em Israel. No término desse programa, todos os brasileiros costumavam fazer alguma viagem como mochileiros, para destinos diversos, antes de retornar ao Brasil e iniciar os estudos universitários. Eu e meu namorado pernambucano estávamos planejando estudar Inglês em Londres, durante um mês, em uma escola para estudantes estrangeiros. Meus pais não teriam condições financeiras de bancar a minha viagem. Entrei em contato com a família Stern e perguntei se poderia ficar hospedada em sua casa, durante algumas semanas, para trabalhar e economizar algum dinheiro para a viagem à Europa.

Naftali e Rachel não só me receberam calorosamente, como Rachel conseguiu para mim um trabalho de camareira em um hotel, onde realizava trabalhos

voluntários. Convivi por quase um mês com esta família incrível. Fiquei extremamente encantada com sua postura ética em relação ao seu entorno e ao mundo mais amplo. Às sexta-feiras, Rachel preparava lindos e saborosos pratos para o *Shabat*; pois, no dia sagrado, os judeus ortodoxos não executam nenhum tipo de trabalho. Eu voltava para casa um pouco mais cedo às sextas-feiras, tomava um banho e vestia uma roupa branca como todos naquela casa. Sentávamo-nos em volta de uma mesa lindamente decorada, Rachel abençoava as velas, Naftali entoava a bênção sobre o vinho, comíamos a *chalá*², nos deliciávamos com a saborosa refeição e, no final, entoávamos lindos cânticos. Aos sábados, íamos à sinagoga e passávamos o restante do dia conversando e cantando cânticos e bênçãos em um clima muito familiar e espiritual.

Consegui o dinheiro suficiente para realizar a sonhada viagem à Europa, com meu namorado e amigos. Voltando ao Brasil, fiz meus estudos universitários, comecei a trabalhar e, após alguns anos, me casei. Perdi o contato com a família Stern durante vários anos.

No ano de 1995, eu e meu marido fomos agraciados com uma bolsa de estudos em Educação Judaica na Universidade Bar-Ilan, em Israel, e moramos durante um ano, em Ramat Gan, um bairro vizinho a casa onde moravam Naftali e Rachel. Os filhos deles eram casados e já não moravam com os pais. Costumávamos visitá-los frequentemente e desfrutávamos de agradáveis momentos e refeições deliciosas. Foi quando ouvi a história de vida de Naftali.

² Chalá: (hebraico) É um pão trançado especial, que é consumido no Shabat e nas festas judaicas, excluindo a festa de Pessach.

Estávamos residindo em Israel juntamente com nossa pequena Marina, então com cinco anos de idade, há quatro meses. Os nossos filhos Ariel e André estudavam em uma escola agrícola e vinham passar os fins de semana conosco, em Ramat Gan. Em um desses fins de semana, os Stern nos convidaram para o almoço de sábado. Fomos todos a pé, caminhando por um pomar de maçãs, pois não queríamos ofender nossos anfitriões chegando a sua casa de carro.

Como de costume, mesa farta e colorida. Marina, ao ver milhos anões arranjados em um prato, foi tomada de um súbito entusiasmo e pulou na mesa, para nossa vergonha, pegando os pequenos milhos. Todos riram muito, e Rachel, afetivamente, colocou muitos milhos no prato de Marina. Os irmãos, diante do comportamento inadequado da caçulinha, riram e caçoaram dela por muitos anos, chamando-a de Baby-milhinho.

Por ocasião de *Tu Bishvat*³, Ano Novo das Árvores, comemorado no dia 15 do mês hebraico de Shvat, é costume entre as famílias ortodoxas fazerem uma visita aos familiares mais próximos levando uma bandeja ou cesta contendo as sete espécies tradicionais desta época: trigo, cevada, uvas, figos, romãs, azeitonas e mel de tâmaras. Ouvimos nossa campainha tocar, o que era muito raro, pois não conhecíamos muitas pessoas na região e, quando abrimos a porta, nos deparamos com Naftali e Rachel com uma bandeja de frutos lindamente decorada. Naftali nos explicou que era tradição levar bandejas de frutos aos seus

³ Tu Bishvat: (hebraico) Ano Novo das Árvores comemorado no dia 15 do mês judaico de Shvat, que no calendário gregoriano acontece em final de janeiro, começo de fevereiro. Em Israel, é tradição o plantio de árvores por alunos das escolas.

filhos e netos nesta data e, como nos consideravam como filhos, presenteavam a nós também. Ficamos bastante tocados com seu gesto e os convidamos a entrar. Sentamos na sala, em torno da bandeja de frutos, degustando as delícias e conversando. Sergio contou que, na semana seguinte, iria viajar sozinho para o Egito. Naftali questionou o motivo de eu não ir junto ao Egito. Sergio explicou que era perigoso levarmos a Marina com apenas cinco anos de idade, pois havia muitos atentados a turistas, principalmente judeus, no Egito. Naftali prontamente respondeu:

- Deixem a Tzipi (nome hebraico de Marina) conosco e viajem o casal!

Olhamos para a menina de cinco anos, e ela que acompanhava atentamente a conversa disse:

- Pode ir mamãe, eu ficarei com o Naftali e a Rachel.

Assim nos organizamos para que eu pudesse viajar com o Sergio. No dia de nossa viagem, Naftali veio buscar Marina, que pegou sua mochila, deu um beijo em mim e no pai, despediu-se e partiu bem tranquila para se hospedar por uma semana, na residência de um casal de idosos, que conhecia muito pouco. Naquela época, ela ainda não falava bem o hebraico. Ficamos muito emocionados e tocados pelo convite de Naftali e Rachel e pela disponibilidade da nossa filha caçula em lidar tranquilamente com essa situação.

Nos dias em que estaríamos no Egito, haveria a comemoração do Dia da Família na escola de educação infantil que Marina frequentava. Ficou combinado que Naftali e Rachel acompanhariam Marina para esse evento,

substituindo os pais. O casal precisaria escrever uma mensagem para a criança, para ser lida no evento. Transcrevo aqui as palavras de Naftali traduzidas do hebraico:

“A avó da Tzipi mora no Brasil, portanto, não pode contar sua história. Eu, seu primo {na realidade era primo de Max}, escrevo em seu lugar, porque a você Tzipi eu amo como se fosse minha neta.

Nasci na Alemanha, e quando fiz o meu Bar-Mitzvah⁴, meus pais me enviaram a Israel com um grupo de crianças, pois queriam nos salvar dos malvados nazistas. Meus pais morreram nas mãos dos nazistas, e eu e meu irmão sobrevivemos. Me encaminharam para uma aldeia de crianças cujo nome era: Aldeia da juventude religiosa. Lá conheci uma mulher maravilhosa, que durante toda sua vida cuidou de crianças órfãs e preocupava-se pelas mesmas como se fossem seus próprios filhos. Seu nome era Henrieta Szold e não a esquecerei jamais.”

Após o ano sabático, que vivemos em Israel, passou-se um longo tempo sem que lá voltássemos. No ano de 2008, Marina, já com 18 anos, fazia um ano de intercâmbio com um grupo de jovens brasileiros, em Israel. Em setembro deste ano, fiz uma surpresa para minha filha, chegando a Israel sem que ela soubesse. Fui buscá-la na saída de um museu, em Tel Aviv, onde seu grupo fazia uma visita. Nos dias em que estivemos juntas, fizemos uma visita a Naftali e Rachel na cidade de Kiriat Ono.

⁴ Bar-mitzvá: (hebraico) “filho da lei” ou “filho do mandamento”. Consiste na concessão da maioria religiosa aos jovens judeus, sendo considerada a mais importante cerimônia na vida de um judeu.

Fomos recebidos por Naftali na porta de sua casa, com seu sorriso amplo e acolhedor. Entramos na sala e encontramos Rachel, sua amada esposa, em uma cadeira de rodas. Estampou um sorriso de alegria em seu rosto, mas percebemos que não havia compreensão nem reconhecimento das visitas. Rachel, neste momento, já estava em estágio avançado de Alzheimer e não mais falava, andava, tampouco reconhecia boa parte de seu entorno. Naftali cuidava de Rachel como um pai de sua filha recém-nascida. Percebíamos um carinho e preocupação extremados. Ao mesmo tempo em que lhe dispensava todos os cuidados físicos, procurava mantê-la presente à realidade. Explicou-lhe pacientemente quem éramos, e que chegáramos do Brasil para visitá-la. Rachel nos brindou com um lindo sorriso de reconhecimento, o que nos fez extremamente felizes. Nessa ocasião, conhecemos Rawena, uma filipina que ajudava Naftali com os cuidados de Rachel. Ela falava um pouco de Inglês e conseguimos nos comunicar. Contou-nos que havia deixado marido e três filhos nas Filipinas, para trabalhar em Israel, e poder enviar dinheiro para que seus filhos pudessem estudar.

Em 2013, quando eu e meu marido Sergio passávamos um ano de estágio pós-doutoral em Paris, fomos a Israel visitar os parentes e matar as saudades. Nessa ocasião, Rachel já havia falecido e fomos visitar Naftali. Estava só, em sua casa, triste com a ausência de Rachel, mas repleto de lindas memórias que compartilhou conosco.

Nos últimos anos de vida de Rachel, Naftali procurou proporcionar a sua amada todo tipo de vivência afetiva e espiritual. Rawena, a filipina, nunca tinha visto a neve e como Rachel demonstrava, com um lindo sorriso, sua

alegria com a perspectiva de um passeio, Naftali, aos 84 anos, foi dirigindo até o monte Hermon, em Israel, onde há neve durante boa parte de ano. No caminho, visitaram outros sítios arqueológicos, sempre empurrando Rachel em sua cadeira de rodas.

A maior ousadia que Naftali nos contou foi a viagem que empreendeu com Rachel, já em sua cadeira de rodas, com seu irmão Meir e com Rawena à Alemanha e à Polônia, à procura de resquícios da vida de Rachel na Polônia; e de Naftali e Meir, na Alemanha, antes do advento da II Guerra Mundial e do Holocausto.

